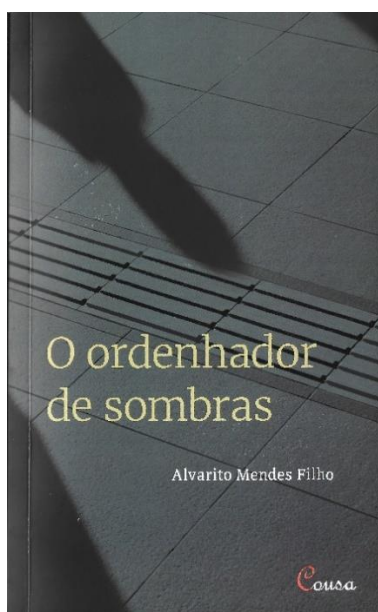


MENDES FILHO, ALVARITO. *O ORDENHADOR DE SOMBRAS*. VITÓRIA: COUSA, 2024.



(Foto de Nilcéa Mothé)

Alvarito Mendes Filho*



livro *O ordenhador de sombras*, publicado pela editora Causa, reúne 64 poemas escritos em diferentes épocas. Lançada no final de 2024, com recursos da Lei Paulo Gustavo, via edital da Prefeitura de

* Mestre Profissional em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Escritor e teatrólogo, autor de poesia: *Lições não aprendidas* (1981), *Quando se vive a poesia* (1997) e *O mar interior e outras paisagens* (2003); de romance: *Vasco Fernandes Coutinho: biografia romanceada* (2005) e de teatro, cujas peças foram reunidas em dois volumes, *Teatro* (2011).

Cariacica, a obra de 120 páginas teve tiragem de 300 exemplares e está a acessível também no YouTube em formato audiolivro. Os poemas foram gravados pelo próprio autor.

Nascido em Cariacica, ES, em 1958, venho me dedicando à cultura em diversas áreas. Graduado em Letras (Inglês) e Comunicação Social, pós-graduado em Estudos de Imagem e Mídia (Especialização) e em Educação em Ciências e Matemática (Mestrado), desenvolvo atividades como ator, autor e diretor teatral com vários prêmios. Atuei também como Secretário de Cultura em Vila Velha e Cariacica. Na Academia de Letras de Vila Velha, ocupo a Cadeira 10, cujo patrono é o escritor e diplomata pernambucano Joaquim Nabuco.

O ordenhador de sombras é o quarto livro de poesia, cuja produção iniciei em 1981, com *Lições não aprendidas*, publicado no período logo após a minha graduação em Letras, na Ufes.

A obra é dividida em cinco partes: “Bastidores”, “No limiar das coisas”, “Outras galáxias interiores”, “O ofício da poesia” e “Poema escrito em um guardanapo de papel”. Nelas, apresento as elucubrações de um personagem (o ordenhador de sombras que dá título ao livro) cuja personalidade tem muito a ver com a minha. Principalmente nas partes em que se abordam temas como a passagem do tempo, o ofício de escrever e uma certa perplexidade frente aos espaços escuros (as sombras) de meu próprio interior.

São vários os escritos que tratam da passagem do tempo. Um deles é o poema “Tricô”, cujos versos dizem que

Com mão precisa
o tempo prima em puxar
o fio que me desfia.
No fim de mim, tricô,
vai ficar apenas
o que não ficou (MENDES FILHO, 2024, p. 75).

E tanto o personagem quanto eu experimentamos o desgaste que produz a passagem do tempo, conforme revela o poema “Minguante”:

Ser é ter saudade do quanto
por mim vaza, esvaindo, minguante.

Do quanto sou (e nunca mais)
nos breves anais e um instante.

Ser é ter saudade.
Só ela retém o *irretível* (p. 29).

Ambos se assemelham também no tocando à opção pelo ofício de escrever, como mostra o poema “O ordenhador de sombras”:

Coube-me ser ordenhador.
Ordenhar em mim sombras.

Coube-me ser este
que me apresento.
Letra a letra
lentamente fluo.
Cumpro-me, o farto (p. 58).

Mas as diferenças entre ambos também existem e se evidenciam, por exemplo, em seus modos de vida. Sou uma pessoa do dia, que prefere as primeiras horas da manhã para escrever, trabalho que, muitas vezes, envolve a leitura prévia de obras diversas, a pesquisa sobre a produção de diferentes escritores, e até o assistir a vídeos e filmes. Já o ordenhador de sombras é uma figura da noite, quando as sombras se intensificam, tornam-se espessas, como seu próprio interior, onde a vida borbulha inquieta como em um vulcão desperto, como se deduz em poemas como “Presságio”:

Ah, meu coração
Atropelado
por um calafrio:
o temor de ser sombra
eternamente!

Atropelado por
um trem noturno.
Fez um barulhão dos diabos.

Mas a cidade sabe
a cinismo.
Prefere não despertar
de seu sonambulismo (p. 59).

Outro poema em que o personagem deixa evidente sua predileção pelas horas noturnas é “Pela noite afora”.

Com afligir-me
qual o lucro?
Aflijo-me não.
Digo que não me aflijo.

Quando a vida começa?
Quando acaba?
Só acaba se começar.

O tempo é uma cilada:
mil vezes vida
noves fora, nada.
Mas qual o lucro
com afligir-me?

Esqueçam-me, portanto!
Minha poesia é mais
confissão, menos pronto.
Pela noite amarga e doce
vagarei
como se a própria noite
eu fosse (p. 60).

Não se pode resenhar *O Ordenhador de sombras* sem abordar a questão do escrever, tarefa que se revela prazerosa nem penosa a um só tempo, uma vez que a poesia se impõe quase como uma questão de sobrevivência para ambos, autor e personagem. Aspecto sobre o qual o poema “Poesia” se faz revelador:

Dos poros d’alma, vai saindo.
Escorre pelos dedos.

A caneta a imprime:
tinta impura, sujeira.

De mel e gosma esta cachoeira! (p. 95).

Em “Poema escrito em um guardanapo de papel”, texto que fecha o livro, autor e personagem voltam a revelar outra faceta em comum: uma delas, angústia frente à penosa obrigação de ter que dividir seu tempo de poeta com afazeres que lhes garantam o sustento e, portanto, a sobrevivência. Ambos têm de dedicar a maior parte de seu dia a dia a outros trabalhos (estes, remunerados), uma vez que o mister da escrita, principalmente o da escrita de poemas, geralmente não rende o suficiente para que a pessoa possa se manter. O personagem, por exemplo, é professor. Assim como eu também fui durante muitos anos e voltei a ser recentemente. Um trabalho que nos rouba horas preciosas, como revelam os seguintes versos:

Na hora do pôr do sol, o poeta
 se esquece de ser poeta para bater o ponto.
 Sai do trabalho é já é noite.
 Quer então ser poeta, falar de lua e pôr do sol,
 compensar o dia de pássaro engaiolado (p. 117).

Mais adiante, neste mesmo poema, lê-se:

Oh, lua cheia inventada em noite sem lua,
 ergo meu copo ébrio e solitário: “A seu brilho”!
 Que ele redima a dor vazia
 da penosa obrigação de me ser, não sendo (p. 118).

Vale destacar que o ordenhador, personagem que dá título ao livro, surgiu na poesia, mas frequentou os palcos, como personagem de um espetáculo lírico-dramático que montei em meados dos anos 90, ou seja, no final do século passado. O espetáculo, que também se chamou *O ordenhador de sombras*, foi apresentado inclusive em um dos festivais de teatro de Vitória, no qual, artista cênico que também sou, interpretei o personagem e recebi indicação de Melhor Ator.

Com a publicação do livro, o personagem volta ao reino da poesia, onde se confirma como um “Menestrel” e fala de temas que lhe são caros; entre eles, o amor:

Move-me o amor.
O amor pelas coisas,
o amor por toda a gente.

A raiva, o ódio,
ao contrário, paralisam-me:
põe-me impotente.

Ao longo do percurso,
sofri preconceito.
Houve desprezo
e desrespeito.

As cicatrizes na epiderme da alma
denunciam como foi a trajetória.

Nas é com os beijos
e afagos recebidos que prefiro
compor o painel da memória.

Sou este menestrel:
canto quando faz sol,
canto quando chove,
e em todos os casos,
é sempre o amor que me move (p. 99-100).

Em *O ordenhador de sombras* retomo e, de certo modo, amplio e/ou aprofundo a abordagem de alguns temas trabalhados em dois dos meus livros anteriores: *Quando se vive a poesia*, de 1997, e *O mar interior e outras paisagens*, de 2003. O ofício da escrita, a passagem do tempo, a precariedade do existir, os cenários noturnos e sua solidão são alguns dos temas sobre os quais discorro nos três livros.

Recebida em: 22 de maio de 2025.
Aprovada em: 9 de junho de 2025.